

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

RAYSSA KATRINNY LEOCÁDIO DA SILVA

COMBATIVIDADE E LUTA PELA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO
CURSO DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS
ESTUDANTIS

João Pessoa

2020

RAYSSA KATRINNY LEOCÁDIO DA SILVA

**COMBATIVIDADE E LUTA PELA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO
CURSO DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS
ESTUDANTIS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade
Federal da Paraíba como requisito
parcial para obtenção do título de
graduada em Licenciatura Plena
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane
Félix da Silva

João Pessoa

2020

S586c Silva, Rayssa Katrinny Leocádio da.

Combatividade e luta pela educação: contribuições do curso de Pedagogia na formação de lideranças estudantis / Rayssa Katrinny Leocádio da Silva. - João Pessoa: UFPB, 2020.

52f.

Orientadora: Jeane Félix da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
UFPB/CE

1. Pedagogia. 2. Movimento estudantil. 3. Formação de liderança. I.
Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.013(043.2)

RAYSSA KATRINNY LEOCÁDIO DA SILVA

**COMBATIVIDADE E LUTA PELA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO
CURSO DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS
ESTUDANTIS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade
Federal da Paraíba como requisito
parcial para obtenção do título de
graduada em Licenciatura Plena
em Pedagogia.

Aprovada em 06/abril/2020

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

UFPB - Orientadora

Profa. Dra. Mariana Lins de Oliveira

UFPB - Examinadora

Prof. Dr Carlos Eduardo Zaleski Rebuá

UFPB - Examinador

João Pessoa

2020

Dedico esse trabalho à Deus, à mim e à minha orientadora por termos tornado possível a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso. E, em especial, à amada estrela que se apagou para muitos mas, que em mim reluz mais e mais a cada dia.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a temática da liderança estudantil do curso de Pedagogia com objetivo de compreender e refletir sobre as contribuições (ou não) do curso de Pedagogia na formação das lideranças do Movimento Estudantil no país, identificando as atuais lideranças e refletindo sobre as possibilidades ofertadas pelo curso de Pedagogia em relação ao conhecimento e participação no movimento. Em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa qualitativa cujo material empírico foi produzido a partir da aplicação de um questionário *online*, via *Google Forms*, com dez lideranças ativistas do movimento estudantil de Pedagogia de sete organizações e seis estados do país. Os resultados apontam que, de forma geral, o curso de Pedagogia oferece as condições necessárias para a formação de lideranças, uma vez que parte delas conheceram o movimento estudantil após a entrada no curso. Isso ocorre porque o curso se sustenta em uma visão crítica a educação, pautada nas lutas sociais por uma sociedade mais digna e justa para todas e todos.

Palavras-chave: Pedagogia, Movimento estudantil, Formação de Lideranças.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusiones del Curso aborda el tema del liderazgo estudiantil en el curso de pedagogía con el objetivo de comprender y reflexionar sobre las contribuciones (o no) del curso de pedagogía en la formación del liderazgo del movimiento de estudiantes del país, identificando a los líderes actuales y reflexionando sobre las posibilidades (o no) que ofrece el curso de Pedagogía en relación con la participación en el movimiento. En términos metodológicos, se realizó una investigación cualitativa utilizando material empírico producido a partir de la aplicación de un cuestionario en línea, a través de Formularios de Google, con los principales líderes educativos de Pedagogía de siete organizaciones en seis estados del país. Los resultados sugieren que, en general, el curso de Pedagogía ofrece las condiciones necesarias para la formación de líderes, ya que son parte del movimiento que conocieron o de los estudiantes después de ingresar al curso. Esto se debe a que el curso se basa en una visión crítica de la educación, basada en la asociación social para una sociedad más digna y justa para todos.

Palabras clave: pedagogía, movimiento estudiantil, formación de liderazgo.

GRATIDÃO

À Deus pelo fiel cumprimento de sua promessa e por Ele me ter permitido chegar até aqui na universidade onde muitos julgaram que não era o meu lugar. Ao Deus que tem exaltado a minha cabeça, inclinando sempre os Seus ouvidos ao meu clamor.

À minha orientadora, que nem é gente, é anjo, pela paciência com minhas trezentas ideias por minuto, mudanças no meio do percurso e por ter me permitido livre escrita. A agradeço também pela sua empatia, que me tocou, em meus momentos de dificuldades pessoais.

À mim mesma, por ter passado madrugadas acordada, ter realizado inúmeras leituras e por ter suportado aos picos emocionais que surgiram no meio do percurso e **ao feminismo** que permitiu que no dia de hoje eu valorize a mulher que me tornei, não permitindo que minha voz seja silenciada.

À Vitória Maria (minha melhor e única amiga) por ter me ouvido falar por horas da minha pesquisa e por sempre despertar o melhor de mim, seja nos estudos, seja em qualquer outra área. Vi, muito obrigada pelos textos emprestados, conselhos, sorrisos e saídas que me relaxavam e me davam forças para seguir em frente. Te amo, parceira!

Aos familiares que suportaram meus surtos, me ouviram falar alto sozinha pensando qual palavra combinaria melhor em determinada frase e que de um jeito ou de outro me incentivaram a escrever esta pesquisa. Gratidão por isso e por tudo!

Aos meus e as minhas companheiras de luta (do feminismo, movimento estudantil e social) que me ensinam a cada dia que ser do movimento estudantil, é muito mais que um título, é viver em prol do coletivo, lutando diariamente por uma educação de qualidade, pública, gratuita e à serviço do povo do campo e da cidade. Os e as agradeço de coração, por terem me ajudado em minha formação profissional, acadêmica e pessoal, por terem me ajudado.

À companheira Remís e ao companheiro Renato Nathan, que mesmo após a morte me inspiram a seguir em frente e não temer à nada, nem mesmo a morte.

“Companheirxs Remís e Renato? Presente! Presente! Presente!”

Por último agradeço **aos camponeses e camponesas** que inspiram e ensinam a lutar. À elxs e aos que lutam pela terra e educação, meu eterno respeito!

SUMÁRIO

1. ENTRE VIVÊNCIAS E ANSEIOS, ESCREVO ESTA INTRODUÇÃO.....	09
2. QUEM DISSE QUE ESTUDANTE DE LUTA NÃO ESTUDA? APRESENTANDO UM REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Movimento social e movimento estudantil: articulações e distanciamentos.....	14
2.2 Comparativo-expositivo das ideologias do Estado e dos Movimentos Estudantis em relação à democracia, cidadania e representatividade.....	21
2.2.1 Visão ideológica do Estado.....	22
2.2.2 Visão ideológica do Movimento Estudantil na Pedagogia.....	26
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	34
4. CONTRIBUIÇÕES DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO POLÍTICA DE SUAS LIDERANÇAS ESTUDANTIS: OS RESULTADOS DESTA PESQUISA.....	35
4.1 Ações do movimento estudantil (2014 - 2019).....	36
4.2 Formação política e curso de Pedagogia: o que dizem as lideranças estudantis?.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICES.....	59

1. Entre vivências e anseios, escrevo esta introdução!

“É chegado o momento de acrescentarmos ao tempo e ao espaço mais uma dimensão fundamental à vida no Universo: o tesão.” (FREIRE, 1990)

No dia 24 de setembro de 2017, em conversa com minha orientadora, ouvi que meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deveria referir-se à algo que me tocou dentro do curso e que me despertasse o desejo/tesão por escrever, de forma que no decorrer do processo, eu sentisse o mesmo fator motivador que me levou a iniciar a pesquisa e sua escrita. Sem duvidar, respondi à professora que abordaria a temática do movimento estudantil de Pedagogia como forma de honrar as instituições, pessoas e situações, sobretudo de luta e resistência, que marcaram minha estadia na universidade desde o primeiro período.

A fim de contextualizar esta pesquisa, esclareço que um de seus marcos se dá no fato desta caracterizar-se como uma pesquisa participante. Segundo Gil (2008, p. 31), esse tipo de pesquisa se caracteriza “pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa”, ou seja, não se espera o distanciamento clássico das pesquisas tradicionais, ao contrário, toma o envolvimento entre pesquisador(a) e sujeitos pesquisados(as) como parte potente da pesquisa. Mediante tal esclarecimento, permita-me que eu me apresente e relate meu trajeto de formação sociopolítica-estudantil dentro do curso de Pedagogia. Sou Rayssa Katrinny, 25 anos, mistura de Pernambuco e Paraíba, estudante de Pedagogia, mulher, feminista, ativista e poetisa política. Atuo, no momento (2019/2020), como Delegada da Executiva Nacional de Estudantes de Pedagogia no estado da Paraíba, como embaixatriz política pela ONG Politize¹ e educadora que se descobriu no

¹ A ONG POLITIZE é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos (ONG) com a missão de formar uma nova geração de cidadãos conscientes e comprometidos com a democracia. Atuando por meio da educação política para qualquer pessoa, dentro e fora da internet, sempre com muito respeito pela pluralidade de ideias, crenças e posições.

Movimento Estudantil² no decorrer do curso de Pedagogia, ao entrar em contato com questões teóricas-filosóficas-discursivas em sala de aula e com formações extracurriculares com professores(as), estudantes e amigos(as) que se tornaram companheiros(as) dentro e fora dos muros da universidade.

Várias etapas me guiaram nesse caminhar, a primeira delas foi minha ida, ainda no primeiro período, ao Pará, para participar do 33º Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia (ENEPe)³. Nesse Encontro, tive a oportunidade de conhecer o Movimento Estudantil de Pedagogia (MEPe)⁴ e algumas lideranças e ativistas de todo o país, nas mesas redondas, debates, mini-cursos, vivências e, também, no contato interpessoal pelos corredores. Ainda hoje, lembro com saudade desse momento em que fui apresentada ao ativismo e passei a enxergar de modo mais intenso e politizado a situação educacional do país, compreendendo-a de forma singular. Ao voltar do Encontro, cheguei em João Pessoa com o desejo de lutar para ver, também em nosso curso, o que vi e ouvi de outros Centros e Diretórios Acadêmicos⁵. Naquele momento, ainda não me considerava do movimento estudantil, mas a Rayssa ativista, em mim, já fazia morada.

Assim, comecei a me envolver com a vida acadêmica, compreendendo que a minha estadia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ia bem além das aulas e do academicismo (em minha opinião, voltado de forma majoritária para a produção de textos e pesquisas que

Informações disponíveis em:
<https://www.politize.com.br/quem-somos/><https://www.politize.com.br/quem-somos/>

² Refiro-me dessa forma porque não me reconheço mais sem o movimento, uma vez que este passou a fazer parte de meus ossos, ideologias e entranhas.

³ O Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia, ocorreu no Pará, englobando estudos e vivências mediante a temática: “Educação na Amazônia: Políticas, culturas, saberes e diversidade.”

⁴ Movimento Estudantil de Pedagogia como entidade estudantil que representa nacionalmente os e as estudantes de Pedagogia.

⁵ Entidades locais de representatividade estudantil, podendo ou não, ligar-se a entidades nacionais.

alimentam o *Currículo Lattes*⁶ e, muitas vezes, “engavetadas” sem dar retorno social). A partir daí, passei a viver academicamente mantendo o foco na coletividade, buscando destruir, sempre que possível, os muros que distanciam a universidade da comunidade, (Seguindo uma das palavras de ordem do Movimento Estudantil Popular Revolucionário (o qual me ensina dia após dia): “Derrubar os muros da universidade. Servir ao povo do campo e da cidade!”) levando, assim, o conhecimento aprendido aqui para os demais espaços em que circulo.

No ano de 2016, tive a oportunidade de ir ao 36º Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia - ENEPe⁷. Entretanto, essa viagem não foi igual a primeira uma vez. Não tínhamos a quantidade necessária de pessoas de nossa universidade e, por isso, fomos juntos(as) com os(as) estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que estavam em número excedente, por isso, juntamos as delegações⁸ e fomos ao Encontro. Foram dezesseis dias de viagem, dias nos quais respirei movimento estudantil por todos os poros do meu corpo, desde o caminho de ida, permanência, até o caminho de volta. Passamos a viagem discutindo a política institucionalizada/partidária e sua interferência na situação educacional, bem como os métodos de resistência e combatividade do movimento estudantil naquele contexto. Fomos citando palavras de ordem durante todo o caminho, debatendo ainda questões sociais importantes, como a luta do movimento estudantil pela educação, pela terra e a luta de classes.

Voltei desse meu segundo encontro já com a firmeza de ativista. Sentia um desejo de luta tão forte que não podia mais me distanciar delas. Esse desejo se acentuou ao conhecer a história e visualizar a foto do companheiro Renato Nathan, educador social executado (“sem motivos”)

⁶ Currículo acadêmico desenvolvido na Plataforma Lattes, uma base de dados para armazenamento e consulta de currículos pessoais, grupos de pesquisa e instituições. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>

⁷ Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia na cidade de Porto Velho - Rondônia intitulado: “Pátria Educadora ou Pátria contra educação pública? Perspectiva de luta do movimento estudantil de Pedagogia.

⁸ Grupo de pessoas que representam a universidade/estado.

por policiais militares com 3 tiros a queima-roupas ao ser parado em uma blitz no município de Buritis, interior de Minas Gerais. Acredita-se é que sua execução ocorreu em decorrência de seus ativismos, em especial, o de luta pela educação e pela terra. “Companheiro Renato Nathan? Presente! Presente! Presente!”⁹ Abaixo a criminalização dos movimentos que lutam por direitos e subsistência!” Aquela foto e aquele olhar do companheiro Renato me convidavam à luta, a “dar a cara a tapa” e “não temer a morte”, se esta viesse em nome de um benefício comum a todos, se esta viesse pela luta em prol da educação, da qualidade de vida e/ou em prol da luta pela terra. Aceitei o convite!

No regresso a João Pessoa, tive a oportunidade de integrar o DAPed - Diretório Acadêmico de Pedagogia - gestão Diálogos e Movimento como coordenadora de Comunicação e Cultura, participando/intervindo também como uma das coordenadoras executivas, fazendo parte das mudanças que lá, naquele 33º ENEPE, desejei: o de ressuscitar com qualidade e combatividade o movimento estudantil que estava morto há algum tempo em nosso curso. Cabe destacar que esta pesquisa tem consigo, em cada página, uma parte de mim. Tornando-se, desde a primeira letra e ideia, uma forma de expressar minha resistência.

Desse modo, mediante tal trajeto de vida acadêmica e pessoal, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como **objetivo geral**: conhecer e refletir sobre as contribuições (ou não) do curso de Pedagogia na formação de lideranças pelo movimento político-estudantil. Este TCC também se organiza em torno dos seguintes **objetivos específicos**: identificar as atuais lideranças do movimento estudantil do curso de Pedagogia; refletir se e como o curso de Pedagogia oferta possibilidades de conhecimento e entrada no movimento estudantil; identificar como se deram os primeiros contatos das lideranças mapeadas com o movimento estudantil.

⁹ O termo “presente” é utilizado pelo Movimento Estudantil e Social para trazer à memória ativistas que fizeram história enquanto vivos e que após a morte continuam sendo sementes. Continuam nas mentes e corações daqueles que juntos a eles lutaram, lutam e lutarão. No caso do companheiro Renato, gritamos essas palavras no 36º ENEPe.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho exploratório, desenvolvida como pesquisa participante. A produção do material empírico se deu por meio da aplicação de um questionário, via *Google Forms*, com 10 lideranças nacionais do movimento estudantil de Pedagogia. O detalhamento dos caminhos metodológicos será explicitado em um capítulo específico.

Este TCC está organizado em 05 capítulos, assim distribuídos: este, introdutório, intitulado **Entre vivências e anseios, escrevo essa introdução**, no qual apresento a justificativa pela escolha do tema, os objetivos e as questões que me mobilizam para a escrita do texto, seguido do capítulo **‘Quem disse que estudante de luta não estuda? Apresentando um referencial teórico’** no qual indico o referencial teórico que embasa a pesquisa; no capítulo 3, apresento os **“Caminhos metodológicos”**, no 4 Contribuições do curso de Pedagogia na formação política de suas lideranças estudantis: Os resultados desta pesquisa ”, realizo um breve resumo sobre o que fizemos como movimento durante esses anos (2014-2019), apresento também os resultados e as análises do material empírico da pesquisa; por fim, apresento as considerações finais.

2. Quem disse que estudante de luta não estuda? Apresentando um referencial teórico

Muitas vezes, ouvi críticas destinadas ao e à estudante de Pedagogia que é ativista do movimento estudantil, afirmando que só nos importávamos com os atos e manifestações, julgando nossas práticas e falas como vazias. Por este motivo, respondo neste capítulo essas e outras pessoas, abordando conceitualmente os movimentos sociais, com foco no movimento estudantil, com vistas a explicitar sua importância para a militância e para a produção do conhecimento. Nesse sentido, considero necessário abordar também conceitos como: cidadania e democracia. Considero o movimento estudantil como espaços de ensino-aprendizagem, por promover estudo das problemáticas e conjunturas que nos cercam, além de planejamento de ações, sempre educativas, para os(as) envolvidos(as), permitindo uma constante práxis.

Destaco de antemão que o movimento estudantil aqui estudado é o movimento de posicionamento político de esquerda¹⁰, de base revolucionária. Movimento este que está na categoria de movimento social, voltado à luta pela educação, formado por estudantes, seja em nível fundamental, médio ou universitário.

2.1 Movimentos sociais: articulações e distanciamentos

“Ato ou efeito de mover(-se); Deslocamento que um corpo faz de um lugar para outro; Forma de mover(-se)”¹¹. Essas são algumas das

¹⁰ O grupo de pessoas ou partidos que defendem os ideais do socialismo, em oposição ao capitalismo e a regimes de direita. (Idicionário Aulete, 1980)

¹¹Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=movimento>

definições que o Dicionário *Michaelis Online* apresenta para o termo movimento. Esse termo simboliza a importância de não ficarmos parados(as), de lutarmos diariamente por uma educação de qualidade social, que nos ofereça possibilidades de liberdade consciente, crítica e cidadã. Por uma educação que nos forme como seres 'biopsicossociais, efetivando nosso direito à educação descrita na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que resulta das lutas do movimento estudantil e social, representando toda uma população que almejava a redemocratização do país.

Cabe destacar que não existe uma definição única para os movimentos sociais, devido à multiplicidade de suas ações, sentidos e significados ocorrendo, majoritariamente, uma continuidade e complementação entre eles, possuindo como elo as ações coletivas. Gohn (1997, p. 327) compreende os movimentos sociais "como uma sessão dos estudos sociopolíticos e tem como denominador comum analisá-los dentro da problemática da ação coletiva".

Nessa direção, compreendo que as ações dos movimentos sociais e estudantis não ocorrem aleatoriamente, mas possuem as práticas envoltas em planejamentos, reflexões, objetivos e fundamentos ideológicos. Nas palavras da autora:

[...] refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve um fazer - por meio das práticas sociais - e um pensar - por meio de um conjunto de ideias que motiva ou dá fundamentação à ação. Trata-se de uma práxis, portanto (GOHN, 2000, p. 12-13).

Compreendo os movimentos sociais e estudantis como processos de ações históricas do ser humano na sociedade, de luta por direitos sociais e, para isso, me aporro em Melluci (1999), quando fala sobre a importância de se analisar os movimentos sociais não só por meio da análise teórica ou só por meio da empiria, mas como um objeto complexo e multifacetado, difícil portanto de se chegar em um consenso. Nesse sentido, conceituar os movimentos não é algo simples, uma vez que se

tratam de processos complexos, que envolvem processos e projetos coletivos. Segundo Melluci:

A reflexão teórica a respeito dos movimentos sociais é muito mais pobre que a dos atores políticos. Nas sociedades contemporâneas a multiplicação de novas formas de ação coletiva tem tentado suprir as carências da teoria, fazendo-se necessário um balanço crítico e a busca de novos instrumentos de análise.¹² (MELLUCI, 1999 p. 25)

Na perspectiva de manter a relação entre teoria e empirismo, o autor afirma: que é “necessário mesclar as definições empíricas às analíticas. As linhas seguintes indicaram se não uma solução satisfatória a este problema, uma direção na qual a investigação poderia avançar” (MELLUCI, 1999, p. 25)¹³.

Em suma, ele afirma que, sem essa junção entre teoria e empiria, não há condições de se chegar a completude ou ao esgotamento desta fonte de estudo. Melluci (1999 p.38) argumenta que o fator analítico é apropriado para compreender as origens e orientações dos movimentos, sob o olhar de seres que atuam histórica e socialmente; enquanto a parte empírica deve se encarregar de compreender como se organiza o movimento, quais as suas formas de garantir a unidade e administrar os recursos. No âmbito do movimento estudantil, essa me parece uma aprendizagem importante: articular teoria e empiria para que a própria academia, assim como a sociedade em geral, percebam que nosso movimento é político mas também pedagógico, produz conhecimento e reflete sobre o conhecimento que produz. E, nessa perspectiva, o movimento estudantil é formação na prática.

¹² La reflexión teórica sobre los movimientos sociales es mucho más pobre que la de los actores políticos. En las sociedades contemporáneas la multiplicación de nuevas formas de acción colectiva ha propuesto dramáticamente estas carencias de la teoría, haciendo necesario un balance crítico y la búsqueda de nuevos instrumentos de análisis. (MELLUCI, 1999 p. 25)

¹³ Es necesario cambiar las definiciones empíricas a las analíticas. Las líneas siguientes indicarán, si no una solución satisfactoria a este problema una dirección en que la investigación podría avanzar (MELLUCI, 1980, 1982, 1983 *apud* 1999).

Scherer-Warren (1989) também aborda a temática dos movimentos sociais (e estudantis), diferenciando-os de outros movimentos e ações, por meio dos seguintes tópicos: 1. Práxis, 2. Projeto, 3. Ideologia, 4. Organização e 5. Direção. Definindo-os da seguinte forma:

[...] uma ação grupal para a transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (organização e sua direção) (SCHERER-WARREN, 1989, p. 21).

É notória a diversidade de definições para um único termo pois, como explícito no primeiro parágrafo, as práticas dos movimentos sociais e estudantis são amplas e complexas, de forma que se torna impossível descrevê-las em uma única perspectiva. O que podemos obter é a congruência de que os movimentos sociais/estudantis necessitam agir em prol do coletivo, mas, essa ação não deve ocorrer de forma despretensiosa, mas de forma qualificada, ou seja, com objetivos definidos, planejando e repensando suas práticas. Em meu ponto de vista, a ação dos movimentos sociais, nessa direção, é essencialmente educativa, uma vez que é preciso ensinar e aprender sobre o que consiste a ação coletiva, como planejá-la, executá-la e avaliá-la.

É importante, nesse contexto, ressaltar que os movimentos sociais e estudantis são vistos como objeto de estudos das Ciências Sociais a partir da década de 1970, quando os grupos se organizaram de forma pacífica contra a opressão do Regime Militar (1964-1985) instaurado no país (GOHN, 2000; GOSS, PRUDÊNCIO, 2004; ALLONSO, 2019; LERBACH, 2011).

Isto ocorreu porque durante a forte repressão da Ditadura Militar os grupos modificam suas maneiras de enxergar a organização da sociedade, se antes ela era vista com o olhar da divisão e luta de classes, com bases marxistas, passou-se a compreender a sociedade a partir de seus aspectos micro e do macro, colocando-se como sujeitos históricos e como cidadãos (GOHN, 2013; ALONSO, 2009).

Passado o período da Ditadura Militar, os movimentos sociais e suas lutas passam a ser identitárias, criando novos micro-espços de organização e bandeiras específicas, os quais não mais se encaixam nas antigas teorias/rótulos científicos, colocando em xeque autores como Laclau, que afirmava:

[...] as organizações tradicionais, como sindicatos, partidos políticos e movimentos de trabalhadores eram definidas por meio da conjugação de três características: a identidade dos atores determinada por categorias relacionadas à **estrutura social** — camponeses, burgueses e trabalhadores —; **o tipo de conflito** definido por um paradigma evolucionário, ou seja, haveria um esquema teleológico¹⁴ e objetivo que guiaria as lutas (o socialismo); e, por fim, **os espaços dos conflitos** reduzidos a uma dimensão política fechada e unificada (representação de interesses, institucionalidade política). (LACLAU 1986, apud GOSS, PRUDÊNCIO, 2004, grifo nosso)

Nos dias atuais, os movimentos sociais são formados por estudantes, classe operária, indígena, quilombola, feministas, LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Travestis, Queers e Interssex), negros(as) e camponeses(as), entre tantos outros, ora agindo de forma conjunta, ora em suas causas e demandas específicas. Cabe destacar que uma mesma pessoa, por possuir múltiplas e diferentes identidades, ao levá-las para os movimentos, vai provocando as necessárias interseccionalidades. Em outras palavras, há diferenças dentro dos próprios grupos e movimentos. Para destacar o movimento estudantil, ele também é plural e diversificado em seu interior, havendo diferenças de raça, classe, gênero, religião, entre outras, que vão se alinhando e se tensionando no interior do próprio movimento estudantil.

Os conflitos vão desde melhorias na educação, saúde e direito pela terra às questões ligadas às lutas por respeito e equidade dos diferentes gêneros e sexualidades, abrangendo ainda os direitos ao respeito e às diferenças, como é o caso das lutas indígenas, quilombolas e negras/afrodescendentes. Os espaços de conflitos, passam a ser múltiplos,

¹⁴ Ciência que se pauta no conceito de finalidade (causas finais) como essencial na sistematização das alterações da realidade, existindo uma causa fundamental que rege, através de metas, propósitos e objetivos, a humanidade, a natureza, seus seres e fenômenos. <https://www.dicio.com.br/teleologia/>

podendo ocorrer nas ruas, plenários de Câmaras, Senados e afins, mas, vão além desses espaços físicos, eles passam a ocorrer de forma cotidiana não específica (GOSS, PRUDÊNCIO, 2004).

Como afirmam Goss & Prudêncio (2004) e Alonso (2009), os espaços de conflito, aprendizados e espaços políticos transbordam nas práticas sociais e políticas do dia a dia. As temáticas de luta, por sua vez, também se re-desenham, nos moldes, principalmente de três vertentes: 1. Gênero, 2. Etnia e 3. Estilo de Vida. Não havendo portanto a intenção clara de trazer para si o poder, tirando-o do Estado.

Retomo neste ponto à crítica realizada por Melluci (1989), na qual o autor afirma a necessidade de considerar os movimentos tanto por meio da análise quanto por meio da empiria, a fim de se obter um conhecimento concreto da área. Por esta razão muitos dos que se debruçam sobre essa temática vêm de trincheiras de luta concretas e palpáveis, como no meu caso, lançando sobre essa vivência um olhar de pesquisa e ciência a fim de embasar suas (minhas) ações e fazer de sua escrita uma possibilidade de trabalho de base¹⁵, no meu caso, como uma aposta político-formativa.

Aposto em uma análise dos movimentos sociais que considerem questões culturais e de pertencimento, bem como questões ligadas à subjetividade e ao coletivo. Ou seja, acredito em um trabalho engajado. Nessa perspectiva, recorro à Teoria do Processo Político por ela abordar uma vertente importantíssima dos Movimentos Estudantis e Sociais, qual seja: a política e suas manifestações. Esta teoria, em suma, almeja compreender os fatores que fomentam ou não a ocorrência das mobilizações e de que forma estas ocorrerão mediante o repertório adquirido pelos movimentos a longo prazo, utilizando como fundamento a distribuição de força e poder (ALONSO, 2009). Mediante esta Teoria, percebe-se o seguinte ponto:

“O repertório seria desde então “modular”: as mesmas formas (comícios, greves, assembleias, passeatas) servindo a diferentes tipos de atores, lugares e temas. [...] definindo repertório como

¹⁵ Trabalho de base se refere nos movimentos à conscientização e chamamento das massas à luta, “Conquistar corações e mentes”, como nós dos Movimentos Sociais e Estudantis dizemos,

“um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo relativamente deliberado de escolha” (TILLY, 1995, p. 26 *apud* ALONSO, 2009, p. 59).

Esse repertório, normalmente, permanece o mesmo, para os revolucionários, centristas e conservadores(as), o que mudará serão os objetivos a serem alcançados e a ideologia que os(as) rege, variando mediante o contexto social, histórico e político vivenciado, alterando a correlação de forças que resultará no que se denomina “oportunidades políticas”, conforme explicitado no trecho a seguir:

O conceito de *oportunidade política* é ainda composto por quatro dimensões que enunciam mudanças para a emergência do *contencioso político* e, num nível de ação coletiva mais elaborado, dos movimentos sociais (1998: 77), a saber: (i) “**a abertura do sistema político**”; (ii) “a instabilidade nos alinhamentos políticos das elites”; (iii) “a divisão das elites marcada por divergências de governação que conduzem à procura de aliados no contencioso político” e, por último, (iv) “**a capacidade e a propensão do estado para a repressão**”. (TARROW 1998 *apud* NUNES, 2014, p.3, grifo nosso)

Apesar de ser um conceito importante, válido para a imensa maioria dos casos referentes às práticas dos movimentos sociais, a teoria das oportunidades políticas não se aplica em sua totalidade.

Os movimentos sociais também podem ser compreendidos e analisados a partir da Teoria dos Novos Movimentos Sociais, a qual nos oferta uma abordagem que considera temáticas como cultura, solidariedade, ideologia e lutas sociais de diversos aspectos, acompanhando o redesenhar dos movimentos. Gohn (1997) afirma que essa Teoria possui as seguintes características: 1. O fundamento embasa-se na cultura, 2. A negação do marxismo (mesmo utilizando alguns de seus conceitos-chave) e aderência à tendências neomarxistas; 3. Extinção do sujeito histórico pré-determinado e a redefinição do que é política; e 4. Os atores políticos passam a ser enxergados por suas ações e identidades.

Tais teorias, em minha concepção, ao se unificarem são capazes de nos dar uma ampla dimensão do que de fato são os movimentos sociais e estudantis. Cada uma delas, de seu lugar, aponta para características particulares e formas de analisar e compreender os movimentos sociais. Dito isso, esclareço que o conceito de movimentos sociais utilizado neste TCC se caracteriza como um conjunto de seres humanos, históricos e político-culturalizados, que inventam e reinventam sua realidade mediante a tomada de ações e decisões, as quais são sempre passíveis de melhoria e análise, ora empírica, ora teórica. Os movimentos sociais representam envolvimento em processos políticos e culturais que visam a melhoria das necessidades da sociedade em geral, ou de grupos em particular.

No âmbito do movimento estudantil, o foco principal são as lutas e resistências em torno da educação. Todavia, os movimentos estudantis envolvem-se também em assuntos gerais da sociedade, por enxergarem a educação na interface com cultura, gênero e política, entre outros marcadores, como norteadores de suas ações e ideologias. Por fim, acredito na necessidade de entrelaçamento de ações entre movimentos sociais e estudantis, por este motivo os abordei de forma conjunta e contextualizada. Destaco, ainda, que aqui são relatados e considerados os movimentos de base revolucionária.

2.3 Comparativo-expositivo das ideologias do Estado e dos Movimentos Estudantis em relação à democracia, cidadania e representatividade

2.3.1 Visão ideológica do Estado

*“Democracia que me engana na gana que
tenho dela cigana ela se revela, aiê”.*

(TOM ZÉ, Democracia¹⁶)

Considerada a vasta polissemia da palavra política, bem como o valor pejorativo ligado, majoritariamente, às ações partidárias, cabe que eu

¹⁶ <https://www.letras.mus.br/tom-ze/164878/>

explicito o conceito utilizados nesta pesquisa. Assim, iniciarei neste sessão com a visão do Estado (Estado este, que segundo Marx e Engels se trata de uma organização jurídica e política que possui como pilares a dominação e a violência, com objetivo de manter-se como poder centralizado e soberano, alienando a massa com falsas percepções de bem-estar e segurança) e a posteriori, citarei a visão dos Movimentos Estudantis e sociais sobre tais temáticas.

Dito isto, esclareço que a palavra política advém do grego e tem derivação do termo *politikus*, que significa: “relativo ao cidadão ou ao estado”. Apesar de possuir uma etimologia clara quanto aos seus objetivos, nos dias atuais caracteriza-se como um substantivo feminino polissêmico, variando de acordo com o contexto utilizado, indo do social ao econômico, do fiscal ao governamental. Compreendo a educação como um ato político, quando educamos e somos educados(as) agenciamos um movimento político, ideológico, cultural. Educar não é transmitir conhecimento, mas selecionar os conhecimentos que serão abordados e isso é um ato político.

O capítulo IV da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), intitulada “DOS DIREITOS POLÍTICOS”, refere-se à política de forma partidária, abordando questões relacionadas ao voto e condições de elegibilidade e inelegibilidade de representantes partidários do país. Destacando nos seguintes trechos a soberania da população nestes processos:

Art. 14. A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos, e nos termos da lei, mediante:
I - plebiscito;
II - referendo;
III - iniciativa popular.
(BRASIL, 1988)

A Constituição Federal cita, ainda, a política como forma de governo, fundamento, participação e direito da população em relação ao país, defendendo igualmente sua pluralidade. Vejamos:

Art 1. A República Federativa do Brasil [...] constitui-se como Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

[...] V - o pluralismo político.

Art.1 **“Parágrafo único.** Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição (BRASIL, 1988).

Certo é que ambos os trechos da nossa Constituição englobam a população como participante do processo de governo e decisões do país, citando-a no sentido de “votante” do sistema político partidário. Estabelecendo as ações “extra-votos” da população mediante o artigo 1, inciso III, que determina a cidadania como fundamento da República Federativa do Brasil, que constitui-se mediante este artigo como Estado Democrático de Direito (BRASIL, 1988). No Capítulo I, intitulado “DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS”, art. 5, está escrito:

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

XVI - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente (BRASIL, 1988)

Referindo-se aqui às ações sociais relacionadas à política, por meio dos atos políticos-públicos, passeatas e manifestações¹⁷. Garantindo a possibilidade da população organizar-se como “um coletivo sociopolítico que expõe, luta e resiste por suas demandas coletivas e direitos”, definição na qual parafraseio Gohn (2000, p. 13) no tocante aos movimentos como propiciadores de cidadania democrática.

Ressalto que ao falar da cidadania, refiro-me ao exercer do nosso direito de voz, ação e participação política (mediante o Estado), permitido a nós pelo nosso modelo de governo: a democracia. Por meio da análise de sua origem etimológica, o termo democracia (*Demo* = Povo e *Kratia* =

¹⁷ Na sessão seguinte, abordarei controvérsias e descumprimentos da lei no tocante à liberdade dos e das ativistas em promoverem ações de seu repertório.

governo) pode ser compreendida como “governo do povo, pelo povo e para o povo”. A esse respeito, aborda Dantas:

O que significam essas três palavras ligadas à definição de nosso termo: DO, PELO E PARA? O DO simboliza a posse, é algo nosso. O PELO representa o agente da ação, ou seja, por meio de nós. E o PARA indica o destinatário, ou seja, para nós mesmos como objetivo. Então, a democracia é um governo nosso, por nós e para nós (DANTAS, 2017, p.45).

Entretanto, destaco que essa etimologia não abrange a amplitude desse sistema político de governo, tornando inviável uma conceituação única e fechada a essa palavra, interpretada de diversas formas em diversos momentos da sociedade, modificando-se, inclusive, de acordo com a área de estudo e autora/autor que a cita.

Destaco que, no Brasil, temos dois tipos principais de democracia: a democracia representativa e democracia participativa, estando a primeira relacionada ao Estado e a segunda relacionada aos movimentos (DANTAS, 2017, p. 45). Abordo, inicialmente, a democracia representativa (utilizada majoritariamente pelo Estado brasileiro), a qual considera que o povo exerce seu poder por meio do voto. Nas palavras de Alencar (1997) apud Jaeger (2004, p. 11)

O voto é o elemento da soberania; a representação, o meio de concentrar a vontade nacional para organização do poder público. Os princípios que regulam essa personalidade política, são imutáveis como as da personalidade civil; pertencem aos conservadores como aos liberais dos países representativos: não são propriedade de um partido com exclusão de outro, mas propriedade do povo que os conquistou pela civilização.

Tal modelo de voto existe no Brasil, desde o período colonial, no qual as eleições eram feitas por seis eleitores, após esse período, no Império, as eleições eram divididas em dois graus. O primeiro era definido pela alta classe econômica e o segundo por aqueles que possuíam condições de subsistência (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2014, p. 15-17)

Durante esses três períodos históricos, pude observar uma constante, as únicas pessoas com poder de voz e voto, legalmente

falando, eram os homens. Ora homens brancos e ricos, ora homens os quais não gozavam dos privilégios econômicos. Todos estes (exceto dois momentos nos quais analfabetos tinham esse direitos) letrados e com boa moral reconhecida pelos padrões sociais da época (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2014). Ou seja, [...] em pleno século XVIII, nem todos os homens foram considerados iguais entre si para o exercício de funções públicas. O mesmo aconteceu com as mulheres, que, consideradas inaptas a participar das decisões políticas, receberam tratamento jurídico desigual (MARQUES, 2018 p. 9).

Novamente, observei que o modelo de cidadania, citado por instituições do Estado era ligado a questões de escolha político-partidária, somente no dia destinado à votação. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (2014, p. 17, havia, no Brasil, “a concepção restritiva de cidadania (só era cidadão quem tivesse certos atributos econômicos e morais), os critérios estabelecidos para exercício dos direitos políticos foram objeto de grande detalhamento por parte dos textos legais.

Apenas na Refundação da República, no ano de 1932, especificamente com a criação do 1º Código Eleitoral e da Justiça Eleitoral (Lei nº 21.076), as mulheres iniciam seu processo de cidadania mediante à democracia, conquistando o direito ao voto. Destaco aqui a grande e forte presença das professoras que lutavam tanto pelo direito ao voto, quanto pelo direito à educação de qualidade para as mulheres/meninas da época. (MARQUES, 2018). Destaco, portanto, que:

as teorias institucionais da democracia oferecem a principal alternativa à abordagem culturalista. Elas se propõem a avaliar a institucionalização da democracia a partir de dados sobre eleições, competição entre partidos e o funcionamento dos sistemas presidencialista e parlamentarista, utilizando-se de indicadores agregados de instituições políticas, desempenho de governos ou a relação entre o Executivo e o Legislativo. O que conta para essa perspectiva não são os valores políticos ou a orientação normativa dos indivíduos, mas a eficácia das instituições com relação a fins almejados pelos atores políticos (MOISÉS, 2008).

Mediante tais preceitos, pude constatar que o Estado enxerga a democracia como algo relacionado ao voto e sua representação, com pressupostos político-partidários. Aceitando à expressão do(a) cidadão(ã) por meio de ações coletivas em espaços públicos, segundo consta no Artigo 5 da Constituição Federal. Passo, a seguir, a apresentar a democracia na perspectiva do movimento estudantil de Pedagogia, tema central deste trabalho.

2.3.2 Visão ideológica do Movimento Estudantil na Pedagogia

“Democracia que anda nua, atua quando me ousa, amua quando repouso”. (TOM ZÉ, democracia)

A fim de esclarecer às visões do Movimento Estudantil acerca das temáticas abordadas neste capítulo, aprofundo-me inicialmente no conceito de democracia, o qual diverge do sentido utilizado pelo Estado. Para os movimentos estudantis, a democracia se estabelece fundamento a participação popular ativa nos processos políticos em locais institucionais e/ou não-institucionais, promovendo por consequência a cidadania democrática/participativa (POLITIZE, 2017; DANTAS, 2017). A seguir apresento a concepção de democracia participativa e de participação social utilizadas neste trabalho:

A participação social [...] amplia e fortalece a democracia, contribui para a cultura da **paz**, do **diálogo** e da **coesão social** e **é a espinha dorsal do desenvolvimento social, da equidade e da justiça**. Acreditamos que a democracia participativa revela-se um excelente método para enfrentar e resolver problemas fundamentais da sociedade brasileira”. (Antônio Lambertucci, apud POLITIZE, 2017, grifo nosso)

Destaco tais palavras desta citação com finalidade de articulá-las à exposição das controvérsias entre o exposto no artigo 5 da Constituição Federal e a realidade vivenciada por nós, ativistas, em diversos atos políticos públicos dos quais participamos. Refiro-me aos atos em que

sofremos sérias retaliações dos aparelhos repressores do Estado¹⁸, indo de agressões às prisões, de ameaças às assassinatos. Seguem algumas imagens que refletem o que falo:

Figura 01



Viagem

A PM desceu a porrada nos estudantes e manifestantes na Praça da República

Protesto em São Paulo pedindo melhorias na educação terminou ontem (18) com spray de pimenta, agressões e estudantes detidos.

CARVALHO, R.U.A. Fotocoletivo, 2016.

Disponível em:

https://www.vice.com/pt_br/article/avp5dk/protesto-educacao-estudantes-sao-paulo

Figura 02

Matheus foi agredido no dia 28 de abril pelo capitão da Polícia Militar Augusto Sampaio, durante uma manifestação contra as reformas Trabalhista e Previdenciária. O estudante conta que não se lembra de praticamente nada do dia do protesto.

“Eu perdi toda essa memória do dia do protesto. A única coisa que eu me lembro foi do momento da agressão, que eu ouvi um estalo. Eu levei a mão à testa, senti o ferimento. E no momento até achei que fosse um tiro, não sabia o que era”, relatou.



Sequência de fotos mostra agressão a Mateus — Foto: Arquivo pessoal/Lutz da Luz

LUZ. Sequência de fotos mostra agressão a Mateus. 2017. Disponível em:

<https://g1.globo.com/goias/noticia/estudante-agredido-durante-protesto-cre-que-pm-se-excedeu-violencia-fora-do-comum.ghtml>

¹⁸ Utilizo tal conceito mediante aporte teórico de Althusser e Foucault.

Essas imagens ilustram dois dos inúmeros casos de agressão e morte de ativistas do Movimento Estudantil, os quais inúmeras vezes são marginalizados por exigir do Estado que este cumpra o seu papel em relação à educação do país. Além dos casos registrados por meio de Boletins de Ocorrência e mesmo por meio das mídias sociais e da Justiça temos ainda centenas de casos não denunciados, como o caso que ocorreu comigo, em São Paulo em julho de 2019, no qual a policial apontou uma arma em minha direção por eu estar protestando pedindo melhorias para a educação no ato do 39º Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia, ocorrido na cidade de Guarulhos-SP.

Além desse fato, eu e meus companheiros, no ato organizado pelo 37º ENEPe, 2017, em Petrolina, tivemos nosso ato, a todo momento, acompanhado por policiais militares (tanto nos carros, quanto nas motos), mesmo o ato político-público sendo pacífico. Neste mesmo ato, ocorreu um tiro para cima e o impedimento da continuação do ato, enquanto isso, como garantia da finalização do ato, fomos “acompanhados” pela Polícia que a esta altura já se encontrava na frente, do lado e atrás do ato até o retorno à Universidade de Petrolina UPE. Situação similar aconteceu comigo e com companheirxs, em João Pessoa quando houve intimidação da Polícia Militar em um ato contra Michel Temer, em 2016 perante os(as) estudantes e outro caso que ocorreu na Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, também em ato pacífico, na tentativa de falarmos com a Reitora Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz sobre a situação da Residência Universitária Masculina e Feminina situada dentro da UFPB. Fomos “recepcionados” por policiais da Polícia Militar Ambiental, fortemente armados e com brutalidade nos modos e repressão desnecessária.

Exposta a contradição entre as falas e práticas do Estado e de suas instituições civis/militares, cito o conceito de “Cidadania coletiva”¹⁹, no qual

¹⁹ Cidadania coletiva é um termo utilizado por Ghon (2012) ao referir-se à cidadania construída dentro dos movimentos.

o cidadão, por estar presente em um contexto, sobretudo de aprendizagem, que não se limita às escolas e demais instituições formais de ensino, passa a ser “um novo ator histórico enquanto agente de mobilização e pressão por mudanças sociais” (GOHN, 2011, p.21)

Gohn aponta que a educação é como base deste cidadania coletiva, concluindo que ela se dá por meio dos processos internos aos movimentos, que são sempre, por essência, movimentos educativos GOHN (2012), uma vez que ensinam - diariamente e de forma significativa - os envolvidos na luta e resistência por direitos e demandas coletivas. Segundo a autora:

A cidadania não se constrói como um processo interno ou intervenções externas, programas ou agentes pré-configurados. [...] A cidadania coletiva é constituidora de novos sujeitos históricos: as massas urbanas espoliadas e as camadas médias expropriadas. [...] se constrói no cotidiano através do processo de identidade político-cultural que as lutas cotidianas geram”. (GOHN, 2012, p. 21).

Por tais razões, os movimentos favorecem o fortalecimento da cultura política, a qual, segundo Moisés (2008, p. 16), refere-se à: “[...] uma variedade de atitudes, crenças e valores políticos – como orgulho nacional, respeito pela lei, participação e interesse por política, tolerância, confiança interpessoal e institucional – que afeta o envolvimento das pessoas com a vida pública”.

Entretanto, cabe ressaltar que suas consequências e resultados vão além do envolvimento das pessoas na vida pública, interferindo na manutenção e mudanças do sistema de governo, como cita Moisés no mesmo texto, colocando inclusive as orientações políticas-democráticas como um resultado da socialização de pessoas politicamente conscientes e envoltas na temática (MOISÉS, 2018). Para esse engajamento, é preciso que sejam desenvolvidos processos educativos: é preciso aprender como fazer política no cotidiano dos movimentos.

Após essa breve explanação sobre democracia e construção da cidadania, segundo os movimentos estudantis, refiro-me agora à nossa conceituação de política, termo este que difere da utilizada no partidarismo. Compreendemos a política como um componente essencial em nossas vidas, enxergando-a de forma participativa-significativa, como aborda a poetisa polonesa Szymborska em seu poema:

Filhos da época

“Somos filhos da época
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.

(SZYMBORSKA, 2011 apud DANTAS, 2017)

Esta conceituação que se torna uma prática dos movimentos e de seus ativistas permite a seus(suas) participantes e demais envolvidos(as) a necessidade de envolver-se politicamente de forma consciente, por meio do estudo de conjuntura, seja por meio de palestras, livros e outras estratégias educativas desenvolvidas nas universidades, seja em rodas de diálogo ou vivências com a/na comunidade. Fator que pode contribuir para desmistificar a fala de conservadores(as), oportunistas e reacionários(as) opostos aos ativistas dos Movimentos Estudantis.

Contudo, na trilha de pensar em um movimento estudantil atuante, é fundamental nos alfabetizarmos politicamente e essa é uma aprendizagem teórico-prática constante. Segundo Dantas, alfabetizado(a) politicamente é o “cidadão capaz de compreender a realidade em que vive e promover suas escolhas de acordo com a lógica democrática que ajudou a construir e busca legitimar - ou transformar- respeitando regras definidas (DANTAS, 2017, p. 12).

Considero importantíssima a questão da alfabetização política, por entender que ela traz uma compreensão ampla de nossa realidade e de

nosso local ideológico-prático no país, contribuindo com o nosso pensar e agir social, sentindo a necessidade de mudança e de retomada do trabalho de base. Aqui, lembro do clássico texto de Brecht (s.d):

O Analfabeto Político

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política.

Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e o lacaios das empresas nacionais e multinacionais.

(BRECHT 1988,p.42)

Não acredito pois em um movimento estudantil forte se não for capaz de agir politicamente, embasado por demandas coletivas que representem a maioria dos(as) estudantes e, para isso, é preciso investir em processos de formação constante de novas lideranças e na formação continuada das lideranças já atuantes. E como o curso de Pedagogia pode contribuir com essa formação? Esse é o tema que abordarei no capítulo em que apresento os resultados dos questionários aplicados com ativistas do movimento estudantil em nosso curso.

3. Caminhos metodológicos

O discurso da pesquisa, deve surgir como um espaço argumentativo [...] e naturalmente, aos interesses do pesquisador, enquanto ser social e político (TAVARES: RICHARDSON, 2015).

Esta pesquisa fundamenta-se no paradigma emergente que, segundo Tavares (2007 p. 132), “trata-se da coexistência de paradigmas”, da união da rigidez científica e da flexibilidade da sociedade cultural. Também conhecido como paradigma pós-colonial, fundamentado no pressuposto que se a sociedade modifica-se a ciência também deve se

modificar para acompanhar essa evolução, considerando que aquilo que antes era considerado verdade absoluta, dilui-se, tornando-se uma das muitas verdades.

Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente) (SANTOS apud TAVARES, 2015, p.01).

Valorizando uma temática específica, qual seja: o Movimento Estudantil nacional no curso de Pedagogia, almejo contemplar os objetivos de forma interdisciplinar. Como citei desde a introdução, escolhi uma temática que me envolve desde o princípio do curso. Agi dessa forma por não acreditar na neutralidade da pesquisa e na necessidade do afastamento entre pesquisador(a) e objeto pesquisado. Pelo contrário, acredito que:

A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Hoje não se trata tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes, nos una pessoalmente ao que estudamos. (SANTOS apud TAVARES, 2015, p. 111)

Nessa perspectiva, o pesquisador se despe das certezas da neutralidade científica, antevendo a impossibilidade do distanciamento do investigador do objeto pesquisado, antes previsto como objeto neutro, pelos pressupostos das correntes que se respaldavam em modelos e esquemas pré-estabelecidos, e consolidados como verdades. (PAIVA, NASCIMENTO p. 325, 2015 apud TAVARES; RICHARDSON, 2015)

Por estes motivos e pressupostos, optei por uma abordagem qualitativa, escolhendo-a também pela possibilidade de flexibilização dos métodos de compreensão e análise das respostas obtidas, a fim de compreender se e como o curso de Pedagogia oferta à possibilidade de formação de lideranças no movimento estudantil. Esta pesquisa caracteriza-se portanto como uma pesquisa qualitativa, por tratar-se de uma pesquisa na qual eu busquei compreender parte das relações

existentes entre movimento estudantil, o curso de Pedagogia e algumas de suas lideranças. A pesquisa qualitativa:

não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 32 apud GERDhardt; SILVEIRA, 2019).

Trata-se, como já explicitado, de uma pesquisa participante, uma vez que sou, ao mesmo tempo, pesquisadora e ativista/liderança do movimento estudantil de Pedagogia. Compreendo pesquisa participante, a partir de Demo (2000, p.21) como aquela que “é ligada à práxis”, uma espécie de pesquisa ligada à “prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”. Ou seja, tomo como pressuposto que meu envolvimento com o movimento estudantil da Pedagogia me permite pensar e dizer coisas de dentro e produzir uma reflexão que visa contribuir com esse espaço de atuação. Segundo Rocha (2004, p. 3), o propósito da pesquisa participante “é trabalhar na perspectiva da práxis assim como, da inserção da ciência popular na produção do conhecimento científico. Isso coloca o pesquisador frente a contradições às quais os próprios fundamentos da pesquisa participante estão sujeitos”.

No tocante à produção do material empírico, foi aplicado um questionário, via Google Forms, com lideranças do Movimento Estudantil de seis estados brasileiros, incluindo a Paraíba. Responderam ao questionário dez sujeitos. Escolhi o questionário online como ferramenta para produção de dados pela ausência/impossibilidade de viajar aos

estados para realizar entrevistas presencialmente. Por tal motivo, disponibilizei o questionário a pessoas específicas e no grupo do whatsapp dos componentes da Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia. A produção do material empírico ocorreu durante três meses.

A utilização da internet como estratégia para produção de dados empíricos é algo cada vez mais comum (FELIX, 2014), trazendo vantagens como a possibilidade de acessar pessoas de lugares distintos, como foi o caso dessa pesquisa, e desvantagens, como a falta de contato presencial, que permitiria outras possibilidades de utilização de metodologias. Segundo Faleiros e colaboradores (2016, p. 01), apontam que “o uso da Internet como recurso auxilia a troca e disseminação de informações, permitindo melhoria e agilidade no processo da pesquisa. Além disso, permite ao pesquisador contato rápido e preciso com os participantes do estudo”²⁰. Os resultados do questionário passam a ser apresentados a seguir.

4. Contribuições do curso de Pedagogia na formação política de suas lideranças estudantis: os resultados desta pesquisa

4.1 Ações do movimento estudantil (2014 - 2019)

*“Não vai ter arrego, se mexer com a educação, tiramos seu sossego!”
(ESTUDANTES, 2019)²¹*

Quão belo é o movimentar-se e ver os resultados de suas lutas coletivas. Quão arrepiante é participar de lutas, com fundamentos propícios à combatividade em prol da educação! É com esse sentimento que me dispus, desde o início, a escrever este Trabalho de Conclusão de Curso.

²⁰ Thus, the use of the Internet as an auxiliary re-source for information exchange and dissemination permits the improvement and agility of the research process. In addition, it allows the researcher rapid and precise contact with the study participants.

²¹ Palavra de ordem presente nas manifestações do “Tsunami da Educação”.

Aprofundo agora, com exemplos o que é o movimento estudantil e sua relação com o curso de Pedagogia.

Como já apontei, compreendo o movimento estudantil como uma forma de organização política composta por grupos de estudantes em prol da educação, tendo normalmente adesão às causas sociais, econômicas, trabalhistas e (em alguns casos) de lutas pela terra. Eis a razão pela qual frisei o movimento estudantil, sendo primordialmente um movimento social, seguindo os pressupostos alinhavados na parte mais teórica deste trabalho.

Podemos dividir didaticamente na Pedagogia, os movimentos locais e nacionais, a fim de, a posteriori, abordar nossas ações. Dito isso, esclareço que possuímos, em nível nacional, a Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia (ExNEPe) atuando com bases jurídicas e políticas consistentes e coerentes no tocante aos ideais e práticas do movimento estudantil, combativo e independente. Entretanto, na prática, existe um movimento que se auto-intitula como Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia e Movimento Estudantil de Pedagogia. Para entender essa tensão existente dentro do próprio movimento, segue a fala de um dos componentes da ExNEPe juridicamente aceita em conversa avulsa com permissão de utilizar as falas na pesquisa:

Não existe MEPE não. Na explicação, seria de um grupo que saiu da Executiva e criou uma sigla chamada MEPE, e aí, eles se intitulam enquanto executiva e mepe, basicamente. [...] Você precisa ler o Manifesto da ExNEPe para entender o porquê disso. [...] No caso, isso se dá juridicamente e politicamente. [...] Esse grupo boicotou espaços deliberativos e através de Comissões Organizadoras (CO) passaram a tentar controlar as decisões políticas da Executiva, sendo que as CO não são espaços deliberativos.

Essa fala é confirmada no site da Executiva Nacional de Estudantes de Pedagogia, afirmando que, juridicamente, o Movimento Estudantil de Pedagogia (MEPe):

Desrespeita o nosso estatuto e tentam transformar as COs de seus encontros em instâncias deliberativas, organizadas em

reuniões virtuais, passando completamente por cima da ExNEPe que entre um ENEPe e outro constitui nossa instância máxima de deliberação. [...] De forma antidemocrática e antiestatutária, a partir de “Comissões Organizadoras” dos encontros começaram a tentar usurpar os direitos exclusivos da ExNEPe. É importante que fique claro que pelo nosso estatuto as Comissões de Organização dos Encontros não são espaços deliberativos da pedagogia, sendo apenas três as instâncias nacionais plenamente autônomas: 1) ENEPe; 2) FoNEPe; e 3) ExNEPe (MANIFESTO DA ExNEPe, 2017)²².

Por essas razões, citei o MEPe mas, o desconsiderarei em minha pesquisa. Entre outros aspectos porque temos, na Executiva Nacional de estudantes de Pedagogia, a maior instância deliberativa e de organização nacional, temos em suma dois eventos nacionais, sendo estes: o Fórum Nacional de Estudantes de Pedagogia e o Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia, evento mais importante do movimento na Pedagogia pela capacidade de unificar as lideranças locais e nacionais, bem como ativistas e estudantes para entrarem em consenso no tocante à condição da Pedagogia, definindo com base nisso um Plano de Lutas²³ anua, isso em nível nacional.

Em nível local, temos os Diretórios Acadêmicos (DAs) e Centros Acadêmicos (CAs), que são as organizações eleitas pelos(as) estudantes do curso em cada instituição, a fim de representá-los em suas lutas e demandas micros e macros, estando estes, sujeitos à Executiva Nacional e suas deliberações.

É com orgulho que escrevo esta parte de minha pesquisa. Inicio com uma grande vitória dos movimentos estudantil, social e coletividades na luta que, em 2014, conquistou a aprovação do Plano Nacional da Educação, conquistando 75% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal. Certo é que não conquistamos da forma inicialmente desejada, considerando que a educação ainda é vista por muitos governantes como um gasto aos cofres públicos e não como investimento

²² Disponível em:

<https://exnepe.org/2018/02/09/manifesto-da-executiva-nacional-dos-estudantes-de-pedagogia/>

²³ Documento que rege nossas lutas durante o ano, renova-se a cada ano, nas Plenárias Finais dos Encontros Nacionais de estudantes de Pedagogia.

que de fato é o que ela é. Ressalto ainda que ocorreu o atraso de 04 anos para a sua publicação, na tentativa (em minha perspectiva e na perspectiva de muitos e muitas ativistas) de cansar a coletividade e dispersar as ações da massa. Apesar de toda dificuldade, conquistamos a aprovação do Plano que ainda está longe de atingir nossos objetivos iniciais, focados em uma educação do povo, para o povo e pelo povo. Conquistamos ainda na UNESP o direito à política de cotas. Aqui em João Pessoa, conquistamos a lei 10.347 em julho de 2014, a Lei do Passe Livre, após inúmeras manifestações e protestos.

No ano de 2015, tivemos, em São Paulo, a barrada da reestruturação das escolas (vulgo fechamento de várias delas) planejada pelo então governador Geraldo Alckmin, essa conquista ocorreu mediante a ocupação das escolas por estudantes secundaristas que, de início, foi marginalizada mas, com o tempo, foi ganhando forças, conquistando o apoio da comunidade local e de todo o país tamanha a organização do movimento ali estabelecido. Ações que tiveram o auxílio local e nacional dos estudantes de Pedagogia e de outros setores os quais acreditam em uma educação de qualidade que alcance a todas e todos. Esta é uma das vantagens dos movimentos no geral a capacidade de unificar as lutas mediante a percepção de necessidade, partindo do pressuposto que “ninguém solta a mão de ninguém” e de que somos igual a formiga e o formigueiro, se unidos agimos, iremos no mínimo incomodar o inimigo, no máximo proporcionar melhorias em nossas vidas e na vida da população como um todo, inclusive daqueles e daquelas que se posicionam contra os movimentos.

Ainda em 2015, nós, estudantes de todo o país fomos às ruas para barrar os cortes nas verbas da educação. Segundo página oficial da ADUFES:

No início deste ano, o Ministério da Educação (MEC) reduziu em um terço o repasse da verba das universidades federais, o que implicou num corte mensal de R\$ 586 milhões, por três meses, num total de R\$ 1,76 bilhões. Em julho, o corte na pasta da Educação foi de R\$ 9,4 bilhões. Há duas semanas, o governo

anunciou mais outro bloqueio nas áreas sociais e a Educação foi novamente atingida, dessa vez com corte da ordem de R\$ 1 bilhão. O novo corte eleva para mais de R\$ 12 bilhões a redução das verbas públicas destinadas para a Educação Federal. (ADUFES, 2015)²⁴.

O ano de 2016 também ficou marcado pelas ações do movimento estudantil, tanto universitário quanto secundarista. Tivemos as greves de universidades estaduais em São Paulo, contra a precarização e o sucateamento dessas instituições, a unificação de movimentos sociais e estudantis nacionais contra a PEC 55, posteriormente

intitulada PEC 251, que acabou por “congelar” os investimentos na educação por 20 anos, ignorando os anseios e reais necessidades do país. O Congresso Nacional promulgou, nesta quinta-feira (15), a Emenda Constitucional 95, que limita por 20 anos os gastos públicos. A PEC 55/2016 foi aprovada pelos senadores na última terça-feira (13). Também foi promulgada, em sessão presidida pelo senador Renan Calheiros, a Emenda Constitucional 94, que institui um novo regime de pagamento de precatórios (PEC 159/2015). Encaminhada pelo governo de Michel Temer ao Legislativo com o objetivo de equilíbrio das contas públicas por meio de um rígido mecanismo de controle de gastos, a PEC do teto de gastos públicos foi aprovada depois de muita discussão entre os senadores. De acordo com o texto, o teto para 2017, primeiro ano de vigência da PEC, será definido com base na despesa primária paga em 2016 (incluindo os restos a pagar), com a correção de 7,2%, a inflação prevista para este ano. A partir de 2018, os gastos federais só poderão aumentar de acordo com a inflação acumulada conforme o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) (AGÊNCIA SENADO, 2018)²⁵

Tivemos, em nível local, a realização da ocupação da reitoria e da greve de fome em prol de melhorias nas condições vivenciadas pelas e pelos estudantes da Residência Universitária Masculina e Feminina da UFPB.

Em 2017, as temáticas principais foram a **Escola sem Partido**²⁶ e as tentativas e rumores de privatização, tanto no seguimento secundarista,

²⁴ Disponível em: <https://adufes.org.br/portal/noticias/37-adufes/1042-estudantes-vaio-as-ruas-contra-os-cortes-de-verbas-na-educacao.html>

²⁵ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/15/promulgada-emenda-constitucional-do-teto-de-gastos>

²⁶ Tentativa de lei a qual tinha por objetivo retirar a liberdade de cátedra dos professores e professoras. Por ferir os preceitos da Constituição Federal e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não conseguiu entrar em vigência. No momento, refere-se a um grupo de pais direitistas, parte deles apoiadores do presidente que presta um (des)serviço ao povo brasileiro.

quanto no segmento universitário. Temáticas estas que levaram milhares de estudantes às ruas, a fim de garantir direitos já conquistados desde a Constituição Federal vigente de nosso país, porém não implementados em sua totalidade nas três esferas da gestão.

A pretexto de transmitir aos alunos uma “visão crítica” da realidade, um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo. Como membros da comunidade escolar – pais, alunos, educadores, contribuintes e consumidores de serviços educacionais –, não podemos aceitar esta situação. Entretanto, nossas tentativas de combatê-la por meios convencionais sempre esbarraram na dificuldade de provar os fatos e na incontornável recusa de nossos educadores e empresários do ensino em admitir a existência do problema. (Miguel Nagib, 2019)²⁷

Em 2018, saímos às ruas contra o governo do presidente Jair Bolsonaro e seus intentos de retrocessos na educação, direitos sociais e investimentos públicos. Resistindo ainda contra a Reforma da Previdência, expondo de forma clara a junção, em alguns casos, dos Movimentos Sociais e Estudantis. Em 2019, os(as) estudantes ocuparam a rua com uma série de manifestações políticas-públicas que ficaram amplamente conhecidas como “*Tsunamis* da Educação”, momento histórico-político importante para os movimentos, os quais mostraram claramente a guerra de poder e ideologia existente entre os desejos da política institucional e da população, sobretudo estudantil.

Mais de 150 municípios de todo o Brasil terão atos nesta terça-feira (13) como parte da Jornada de Luta Pela Educação, convocada pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Os principais alvos dos protestos são o programa do governo federal “Future-se” -- que pretende terceirizar o financiamento do setor --, os cortes no orçamento da educação e a reforma da Previdência, que está em tramitação no Senado. Ao todo, 26 dos 27 estados já confirmaram manifestações. (BRASIL DE FATO, 2019)²⁸

²⁷ Fala do coordenador do movimento Escola sem Partido

²⁸ Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2019/08/12/mais-de-150-municipios-terao-atos-contra-retrocessos-na-educacao-confira-a-lista>

4.2 Formação política e curso de Pedagogia: o que dizem as lideranças estudantis?

Nesta parte do trabalho, apresento os resultados da pesquisa em diálogo com o referencial teórico que embasa esse trabalho. Antes disso, passo a apresentar o perfil dos(as) participantes da pesquisa para contextualizar quem são os sujeitos com quem dialogo aqui para pensar nas contribuições do curso de Pedagogia na formação política de seus/suas estudantes.

Como já indiquei, participaram dessa pesquisa dez lideranças nacionais do movimento estudantil de Pedagogia, assim distribuídos: 8 mulheres e 2 homens; todxs com idades entre 20 e 30 anos; 1 autodeclarada branca, 6 autodeclarados(as) pardos(as) e 2 autodeclarados(as) negros(as); com renda inferior a 5 salários mínimos; 3 da região sul, 6 da região nordeste e 1 que não indicou seu estado. Cabe indicar que os nomes utilizados são fictícios, com finalidade de proteger os(as) participantes da pesquisa. O perfil detalhado está apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 1 - PERFIL DXS PARTICIPANTES

NOME	ESTADO	IDADE	SEXO	COR/RAÇA	RENDA
Ludmilla	AL	20-25	Feminino	Parda	1-3 salários
Kat	PR	26-30	Feminino	Parda	1-3 salários
Rosa	-	20-25	Feminino	Branca	1-3 salários
Maria	PR	20-25	Feminino	Parda	1-3 salários
Miranda	PR	0-20	Masculino	Parda	3-5 salários
Elvis	BA	26-30	Masculino	Parda	1-3 salários
Josefa	PE	26-30	Feminino	Parda	1-3 salários
Flora	PB	20-25	Feminino	Negra	1-3 salários
Margarida	RN	20-25	Feminino	Negra	0-1 salários

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

O questionário (modelo em apêndice) aplicado com os(as) participantes desta pesquisa foi composto por 6 questões, às quais serão apresentadas e discutidas aqui. A primeira questão apresentada foi: **“Em sua visão o que é o Movimento Estudantil?”**.

Para essa pergunta, de modo geral, as respostas tratavam de um movimento de lutas pela melhoria e pela manutenção das escolas e universidades públicas, considerando-o como espaço de conhecimentos e debates pela gratuidade e contra os retrocessos vivenciados pelos(as) estudantes e pela população. Em relação a essa pergunta, disse Maria:

Este movimento visa lutar pela garantia dos direitos já conquistados pelos estudantes e buscar os que ainda não são respeitados nem disponibilizados, fomentar a participação dos mesmos em outros espaços de lutas coletivas. Promover encontros, palestras entre outros eventos, para discutir com temáticas que atingem toda a sociedade, principalmente os trabalhadores, como: Cortes de verbas na educação e a retirada de direitos dos trabalhadores. Também, a permanência do aluno na Universidade ou escola, de forma acessível e que o mesmo seja capaz de ser um sujeito autônomo e crítico com consciência de seus direitos e deveres nesta sociedade infelizmente excludente. (MARIA, 2019)

A fala de Maria dialoga com a compreensão de movimento estudantil já indicado neste trabalho. Maria aponta para a pauta da educação como central, mas dialoga com outras lutas sociais, como as lutas trabalhistas. De fato, a pauta da educação não pode ser concebida fora do debate de outras importantes questões sociais e de garantia de direitos básicos para a população. Destaco nesta parte o caráter educativo do movimento estudantil que, inúmeras vezes, atinge a sociedade e suas demandas, como afirma uma das frases de ordem do movimento: “A nossa luta unificou, é estudante junto com trabalhador”, atestando que os conhecimentos por nós adquiridos e transmitidos, afetam direta e indiretamente a sociedade civil. Em relação a isso, afirma Gohn:

Em todos há uma premissa básica: há um elemento, um fator de ordem educacional, na temática da participação social por meio dos movimentos sociais. Na ocasião denominei esse fator como “caráter educativo dos movimentos” - educativo para os participantes [...] e para a sociedade em geral. (GOHN, 2012, p.7).

O caráter educativo, segundo a autora, “tem sido comprovada na prática, também para outros atores e sujeitos sociais que entraram em cena nesse novo milênio (GOHN, 2012, p. 14). De fato, é preciso ensinar e aprender no âmbito do movimento estudantil. Não chegamos ao movimento como lideranças prontas, mas vamos nos construindo, no cotidiano e de modo coletivo.

Observo, no trecho da fala de Maria, a presença da consciência dos direitos citados na Constituição Federal (Art. 205 e 206 - I) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Art. 2 e 3 - I), bem como dos direitos trabalhistas. Lutando, portanto, com consciência de seus objetivos, utilizando-se de articulação e estudos coletivos e individuais de tais documentos e da conjuntura na qual se encontra. Sobre a transformação social mobilizada no âmbito dos movimentos sociais, Scherer-Warren (1989, p. 21), indica que “uma ação grupal para a transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (organização e sua direção).

A segunda questão foi relacionada aos movimentos e entidades dos quais meus informantes fazem parte. Para essa questão obtive como resposta que elxs são integrantes de 7 movimentos, sendo esses: EXNEPe - Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia (3), ACADEVI - Associação Cascavelense de Pessoas com Deficiência Visual, CAPed Unioeste campus de Cascavel Paraná, Levante Popular da Juventude, Articulação de Mulheres Brasileiras e Coletivo Leila Diniz. Dois participantes informaram não integrar nenhum outro movimento além do movimento estudantil.

A terceira questão fez menção à **influência do curso de Pedagogia em sua entrada no movimento estudantil e como se deu esse processo. Nove dos(as) dez participantes afirmaram que o curso de Pedagogia foi importantíssimo no processo**, uns afirmam que pela politização do curso, outros que debates ocorridos durante o curso fizeram toda a diferença, tendo o curso o papel de mostrar a importância da educação e de lutar por ela por sua qualidade, conforme aponta Ludmilla:

Sim. Conheci o movimento depois de entrar no curso Pedagogia e a luta pela educação me despertou maior interesse pelo curso de Pedagogia e pretendo continuar a ajudar o movimento estudantil mesmo depois de terminar a carreira acadêmica (LUDMILLA)

Nessa fala, observamos **a contribuição de mão dupla existente entre o curso de Pedagogia e o Movimento Estudantil**, considerando que ambos lidam com a construção de conhecimento. Para Ludmilla, o curso de Pedagogia contribuiu com sua participação no movimento e, para ela, o movimento é algo tão relevante que ela pretende continuar mesmo após formada, o que parece uma contradição na medida em que esse movimento específico é para estudantes do curso. O estudante Miranda também destacou a importância do curso para a sua entrada no movimento. Segundo Miranda:

O curso de pedagogia me fez enxergar de forma mais profunda a relação das lutas sociais em geral com a universidade e o desenvolvimento do conhecimento. Esse

processo se deu através da participação efetiva na luta em defesa do curso, na prática e no estudo (MIRANDA)

Percebemos, na fala de Miranda, a importância da politização propiciada pelo curso de Pedagogia. Para ele, estar no curso o despertou para as relações entre as lutas sociais, a universidade e a produção do conhecimento. A luta no movimento estudantil pela educação e pela própria Pedagogia, oferta ao estudante a possibilidade de adquirir um conhecimento significativo nessas áreas, por estar envolto nessa situação e por terem a possibilidade de viver realidades diferenciadas, como a ida a assentamentos, escolas ribeirinhas, entre outras situações a fim de trocar conhecimentos com moradores(as) da área²⁹, muitos deles(as) de luta qualificada e consciente, muitos(as) sendo analfabetos, formados pela “escola da vida” e pela necessidade, situação que normalmente, estudantes não envolvidos nos movimentos sociais desconhecem.

A questão seguinte, fez **referência às contribuições do histórico de lutas do sujeito na formação política, pessoal e acadêmica**. Estes(as) confirmaram o que havia sido abordado na fundamentação teórica da pesquisa, quando foi afirmado que o movimento estudantil é, sobretudo, um espaço de aprendizagem, que apresenta resultados que vão para além da vida acadêmica. Como veremos a seguir.

Foi um grande avanço pessoal ter conhecido o movimento estudantil combativo e independente, compreender melhor

²⁹ Em Encontros Nacionais de Estudantes de Pedagogia, sempre se oferta a possibilidade de irmos às escolas como a situada no Assentamento Catalunha, no ENEPe Petrolina e a escola ribeirinha, situada em uma ilha isolada no meio da floresta em Belém do Pará. Ainda em Belém do Pará, com situação proporcionada pela organização do Encontro, tivemos a possibilidade de conhecer o ambiente educacional das crianças escalpeladas pelos motores de barcos da região. (relato pessoal) Nessas horas, percebemos a necessidade de lutar por uma educação de qualidade que sirva ao povo do campo e da cidade (como fala uma de nossas palavras de ordem).

porque o movimento estudantil oficial e eleitoreiro está tão débil e fragilizado neste momento me deu forças para lutar por um verdadeiro movimento que atenda as necessidades dos estudantes do povo (Ludmilla)

Aqui, constato que a luta no movimento estudantil, age de forma a proporcionar crescimento intelectual dentro e fora da universidade, ampliando ainda conhecimentos relacionados à política, considerando (algumas pessoas, como no caso de Ludmilla) e compreendendo a importância dos movimentos não estarem ligados à partidos políticos, garantindo a liberdade de ações e independência ideológica. Nas palavras de Miranda:

Na formação pessoal e política poderia dizer que seria uma pessoa completamente diferente do que sou hoje sem a participação nas lutas, visto que esse processo causa profundas transformações na forma como enxergamos o mundo e nas nossas aspirações. Ao mesmo tempo, como tratamos do movimento estudantil, a relação com o conhecimento acadêmico torna-se muito estreita, provocando uma militância não apenas política, mas que transpõe para as produções e discussões acadêmicas, inevitavelmente. (Miranda)

Neste momento, Miranda aborda a importância dos movimentos na formação pessoal e política, modificando a visão de mundo dos participantes e de seu meio, mostrando um dos benefícios sentidos pelos(as) estudantes, a conexão e contextualização entre a produção de conhecimento e as transformações no âmbito acadêmico e pessoal. Nessa perspectiva, indica Morin:

O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. [...] Como dissemos aqui, o conhecimento fragmentado só serve para usos técnicos. Não consegue conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época.[...] Daí o sentido da segunda parte da frase de Eliot: “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? (MORIN, p. 16-17, 2014).

O movimento estudantil, **nas palavras de Elvis propicia muitas aprendizagens**, entre as quais:

Muitas! O movimento estudantil e as lutas empreendidas com ele me ensinaram resistência, empatia, espírito de coletividade, consciência de classe, importância da formação e por aí vai... (Elvis)

O estudante Elvis retrata que o movimento estudantil o ensinou sobre questões sociais e humanas, bem como a importância de uma boa formação. Destaco, na fala do estudante, o espírito de coletividade e a consciência de classe, que são aspectos também percebidos nas respostas dadas por outros(as) dos participantes desta pesquisa. Outro aspecto a destacar é a questão da cidadania, que dialoga com a percepção de Gohn sobre educação. Para a autora:

A educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo. [...] Ela se constrói como um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências engendradas” (GOHN, p. 21, 2012).

Outro ponto que destaco na fala de Elvis é a consciência de classe, a qual ele afirma ter desenvolvido mediante as lutas. Sobre essa questão, destaca Gohn:

o desenvolvimento explorador e espoliativo do capitalismo, a massificação das relações sociais, o descompasso entre o alto desenvolvimento tecnológico e a miséria social de milhões de pessoas, as frustrações com os resultados do consumo insaciável de bens e produtos, o desrespeito à dignidade humana de categorias sociais tratadas como peças ou engrenagens de uma máquina, o desencanto com a destituição gerada pela febre de lucro capitalista etc., são todos elementos de um cenário que cria um novo ator histórico enquanto agente

de mobilização e pressão por mudanças sociais: os movimentos sociais. (GOHN, p. 21, 2012)

Em relação às **contribuições do movimento na formação de estudante de Pedagogia**, indicou Flora:

Sinto que compreendo melhor do que é o pedagogo e qual seu papel graças às discussões da Executiva. Me tornei mais decidida e confiante, e estudo bem mais de maneira autônoma, e não apenas o conteúdo das aulas. (Flora)

Flora comentou sobre algumas mudanças ocorridas em sua vida a partir das discussões da Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia, isso ocorre, na perspectiva que venho defendendo aqui, por conta da construção do caráter educativo da entidade. Acerca dos movimentos sociais como instância educativa, afirma Gohn:

[...] implica em ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico. [...] A dimensão da organização política, [...] a dimensão da cultura política [...] a dimensão espacial-temporal. (GOHN, p. 21-25, 2012).

A penúltima questão discursiva abordou a percepção dos estudantes sobre as **ações do movimento estudantil na formação política-educacional dos estudantes**. Para essa questão, destaco a fala de Maria:

Sim, acredito que sem a atuação do movimento estudantil, e no caso específico sua linha combativa e democrática, a formação acadêmica permanece engessada. O movimento estudantil, como o próprio nome diz, movimenta essas

correntes que engessam o conhecimento e o desenvolvimento histórico, provocando rupturas que, mesmo que simples inicialmente, acabam movimentando amplos setores da sociedade. (Maria)

Maria aborda como ponto de destaque o auxílio do movimento na produção do que Morin (2014) denomina de “cabeça bem-feita”, **contrapondo-se à “cabeça bem-cheia”³⁰** produzida, em minha concepção, nas salas de aula da academia, referindo-se ao que Morin (2014) denomina junção da cultura científica à cultura das humanidades. Segundo o autor:

Assim, podemos imaginar os caminhos que permitiriam descobrir, em nossas condições contemporâneas, a finalidade da cabeça bem-feita. [...] que acabe com a disjunção entre as duas culturas, daria capacidade para se responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida quotidiana, social, política, nacional e mundial. [...] para meditar sobre o saber e para integrá-lo à própria vida, de modo a melhor explicar, a própria conduta e o conhecimento de si. (MORIN, 2014, p. 33).

Maria abordou também a movimentação lenta, porém eficaz, ocasionada pelo movimento estudantil que afeta por consequência diferentes setores da sociedade, da universidade e do curso de Pedagogia. Acredito que isso ocorre devido à existência de uma perspectiva ampliada de educação. Para Gohn:

[...] estamos trabalhando com uma concepção ampliada de educação, ou seja, relativa a todos os processos que envolvem a aprendizagem de novas informações referentes a novos hábitos, valores, atitudes e comportamentos. Este conjunto, após sistematizado, codificado e assimilado pelos indivíduos e grupos sociais, constitui elementos fundamentais para a geração de

³⁰ Termo utilizado por Morin, 2014, para definir a cabeça daqueles que possuem muitos conhecimentos não aplicados. Para definir a aquisição de conhecimento, pela aquisição, sem prática, sem retorno social.

novas mentalidades e novas práticas sociais, fundamentais para a formação dos indivíduos enquanto cidadãos. (GOHN, 2012, p. 62-63).

Acerca da existência **de atividades educativas desenvolvidas pelo movimento estudantil de Pedagogia**, Flora indica:

Sim, pois sempre realizamos atividades de estudo, de formação, e intervindo diretamente na realidade, acompanhando a atualidade se aprende muita coisa. (Flora)

Percebo novamente, na fala de Flora, a presença do teor educacional dos movimentos, os quais, claramente afetam não só a vida dx estudante ativista, mas, dxs estudantes como um todo, chegando a atingir inclusive as salas de aula e debates, como afirmou Miranda em trecho já apresentado. Ainda sobre esse aspecto, Elvis diz:

Definitivamente! Se você entende a educação como base social, você sente a necessidade de defendê-la e a coletividade é e sempre será a maneira mais eficaz de se posicionar nas trincheiras da luta. (Elvis)

A fala de Elvis novamente aborda o papel do movimento como agente facilitador do processo de reconhecer o papel dx pedagogx e da educação como um todo, possuindo por base a coletividade como foco da mudança e sua maior força de ação na luta de interesses que ocasiona a resolução da crise (ou da problemática) por meio da pressão social. Ele indica a coletividade como energia potencializadora do movimento.

Por último, solicitei que os sujeitos abordassem se suas ações fizeram diferença no curso de Pedagogia de suas localidades. Obtive as seguintes respostas:

Sim. O movimento estudantil combativo foi capaz de fortalecer o Centro Acadêmico de Pedagogia da minha universidade, aumentando a participação e a organização dos estudantes de maneira politizada. (Kat)

Sim, na nossa universidade as ações do nosso Diretório Acadêmico provocaram uma participação maior dos estudantes nos debates acadêmicos-políticos e elevaram a consciência política dos estudantes no sentido de defender seus interesses. Tudo isso através do questionamento e do trabalho no dia a dia de formação política, seja em conversas, debates, atividades políticas, manifestações, além da participação e organização de eventos de peso político e acadêmico nacional. (Elvis)

Por meio destas duas falas, constatei que o agir das lideranças, ocorre mediante uma concepção ampliada de movimento e educação, focados na politização da coletividade, a qual tem por objetivo manter a boa qualidade ideológica e prática do movimento e de seus ativistas. Agir nesse que ocorre mediante a tomada de consciência que o agir como liderança deve ocorrer diariamente por meio do repertório acadêmico local e nacional, em nível interno e externo à academia, por meio de manifestações, atos, passeatas e afins, bem como por meio de eventos como o Fórum Nacional de Estudantes de Pedagogia - FoNEPe (Evento no qual se debate os rumos da educação nacional por meio da análise de conjuntura nacional e análise do Plano de Lutas), o Encontro Norte e Nordeste de Estudantes de Pedagogia - ENNoEPe e demais encontros regionais (Encontros de lideranças e ativistas subdivididas por regiões e macroregiões a fim de debaterem entre si, suas conjunturas e dificuldades), e por meio do Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia. A esse respeito, disse Josefa:

Pensando de um jeito amplo, analiso que modificaram estudantes de Universidades públicas e privadas de maneira geral. Aqueles que compõe licenciaturas de forma mais incisiva, vez que lidam diretamente com os espaços formais de educação (Josefa)

Josefa expõe o alcance dos impactos do movimento estudantil, acrescentando à sua fala as lideranças e ativistas que atuam nos espaços informais de educação. Acrescento aqui xs camponesxs, xs moradorxs dos assentamentos, educadorxs populares e todxs aquelxs que dedicam suas vidas à transformar a educação e levá-la às pessoas do campo e da cidade.

Os resultados dos questionários indicam que as lideranças do movimento estudantil de Pedagogia que foram participantes desta pesquisa são pessoas engajadas na luta por uma educação de qualidade social para todas e todos. Mas, essa luta por educação não se dá desarticulada de outras lutas sociais, identitárias ou não. Suas respostas deixam pistas claras sobre a importância do engajamento no movimento como parte importante de sua formação política e que a estada no curso de Pedagogia - a partir de aulas, debates, palestras etc. - despertou o interesse por engajamento político.

6. Considerações Finais

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo central compreender e refletir as contribuições do curso de Pedagogia na formação de suas lideranças estudantis. Tal objetivo foi contemplado mediante a análise das respostas de dez lideranças de sete estados do país ao questionário enviado via Google Forms. Além do objetivo geral, obtive êxito ao identificar as lideranças e mapear as possibilidades ofertadas pelo Curso de Pedagogia em relação ao conhecimento e entrada no Movimento Estudantil.

Mediante as respostas obtidas pude constatar que o curso oferece as condições necessárias para a formação de lideranças, considerando que grande parte deles, conheceram o ativismo pelo movimento estudantil após a entrada no curso. Isto ocorre, pelo fato da Licenciatura em Pedagogia corroborar com a formação de uma visão mais aprofundada, empírica e analiticamente, sobre a relação existente entre a educação, as lutas sócio-estudantis e as produções conscientes e politizadas de conhecimento.

Esse processo inicialmente foi uma possibilidade ampla de meu ativismo, no qual pude afirmar e reafirmar o fato de que o Movimento Estudantil é sobretudo, um espaço de lutas e de ensino-aprendizagem, aprendizagem de vida, de conjuntura sócio-política e histórica, mas, inicialmente de coletividade e humanidade.

Como citado, muitas das pessoas têm suas vidas modificadas pelo ativismo no movimento. Desta forma, antes de pesquisadora, me fiz aprendiz das lideranças contempladas neste trabalho. A escrita foi uma espécie de montanha-russa emocional, considerando que a cada fala eu ia lembrando dos momentos vividos nos encontros, nos corredores, nas palestras, atos e discussões, e, que maravilha relembrar e mergulhar ainda mais fundo nas entranhas do movimento.

Aprendi durante este trabalho sobre a importância de ter uma prática qualificada e acadêmica, unificando teoria e prática, análise e empirismo. Mas, a realidade é que ele fortaleceu em mim o desejo e a responsabilidade de ser do movimento, de compreender sua importância e fortalecer em mim a certeza que o movimento é parte de minha vida e que nele continuarei mesmo após o término do curso. Tive ainda questionamentos que me renderão futuras pesquisas no futuro mestrado e doutorado, aprofundando a temática da relação existente entre Pedagogia, movimentos e lideranças.

Por fim, pude compreender e registrar que o que ocorreu na minha vida, ocorreu também na vida de muitos companheirxs, fortalecendo a necessidade de defender a educação, defender x trabalhadorx, ter noção do que de fato é ser pedagogo x e as inúmeras possibilidades enquanto universitárixs, compreendendo que uma educação de qualidade não se conquista da noite para o dia. É processo. É construção.

Destaco ao fim a situação de pandemia mundial vivenciada. O vírus COVID-19 afeta-nos em todas as áreas, graduados e não-graduados, doutores, estudantes e população no geral. E, é nesse contexto que as universidades federais mostram a população que nela se produz ciência e não balbúrdia, como incitou o presidente Bolsonaro. Neste processo,

corroboramos com a tentativa de produzir vacinas, produção de máscaras, projetos de extensão de diversas áreas e movimentos estudantis que hora lutam pela formação sóciopolítica-cultural, hora lutam pela manutenção da qualidade do ensino-aprendizagem no meio virtual no qual estão a ocorrer as aulas, reuniões e encontros, tanto das universidades, quanto dos movimentos e organizações sociais. Enfim, a pandemia pode nos assolar mas, o ativismo não pode parar. Ir ao combate sem temer! Ousar, lutar! Ousar, vencer! Abaixo a precarização do ensino, por uma educação que sirva ao povo da campo e da cidade!

REFERÊNCIAS:

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, v. 76, p.49-86, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Eleições no Brasil : uma história de 500 anos** / CAJADO, DORNELLES, PEREIRA. – Brasília : Tribunal Superior Eleitoral, 2014.

BRASIL. LDB – **Leis de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394. 1996.

DANTAS, Humberto. **Educação política**: Sugestões de ação a partir de nossa atuação. Ed: Voto Consciente. 1 ed. Rio de Janeiro.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 1981.

FELIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). **METODOLOGIAS DE PESQUISAS PÓS-CRÍTICAS EM EDUCAÇÃO**. 2ed.Belo Horizonte: Mazza, 2014, v. 1, p. 118-136.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 5, p.11-40, jan./jun. 2000. Semestral. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9194/7788>. Acesso em: 24 nov. 2017.

_____, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 16, p.333-361, maio 2011. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2017.

_____, Maria da Glória. **Teoria dos novos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. paradigmas clássicos e contemporâneos. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Teorias_dos_movimentos_sociais.html?id=h5OeDwqDC9MC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&edir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 03 dez. 2017.

_____, Maria da Glória. **Sociologia dos Movimentos Sociais**: questões da nossa época. 1. ed. São Paulo: Cortez. 2014 Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Sociologia_dos_movimentos_sociais.html?id=JISaBQAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 05 dez. 2017.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **em Tese**: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Santa Catarina, v. 2, p.75-91, jan. 2004. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13624/12489>. Acesso em: 27 nov. 2017.

JAEGER, Graciela Elis Reinheimer. **História do voto no Brasil**. 2004. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4288>. Acesso em: 05 dez. 2017

LERBACH, Brena Costa. Uma revisão dos percursos teóricos e práticos dos movimentos sociais. **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2 , p.51 - 66, dezembro. 2011. Semestral. Disponível em: www.habitus.ifcs.ufrj.br. Acesso em: 28 de novembro de 2017.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. O voto feminino no Brasil. **Câmara dos Deputados**, Edições Câmara. Edição, 1. ed. disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4798>. Acesso em: 27 abr. 2018.

MOISÉS, José Álvaro. Cultura política, instituições e democracia: Lições da experiência brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, SI, v. 23, p.11-38, fev. 2008. Mensal. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/02.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

MEIRELES, Carla. **Democracia participativa é possível?** 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/democracia-participativa/>. Acesso em: 20 jan. 2017.

MELLUCI, Alberto. Acción colectiva, vida cotidiana y democracia. **El Colegio de México**, 1999. Capítulo 1. Teoría de la acción colectiva. (Pag. 25-54). Disponível em: https://www.ses.unam.mx/docencia/2016II/Melucci1999_AccionColectivaVidaCotidianaYDemocracia.pdf. Acesso em: 30 de novembro de 2017

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. repensar a reforma, reformar o pensamento. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

NUNES, Cristina. O conceito de movimento social em debate: Dos anos 60 até à atualidade. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, p.131-147, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n75/n75a06.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2017.

SCHERER-WARREN, I. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 1989. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccrh Acesso em: 20 mai. 2019

TAVARES, Manuel; RICHARDSON, Roberto Jarry (org.). **Metodologias qualitativas: teoria e prática**. teoria e prática. Curitiba: Editora Crv, 2015. GERHARDT, Tatiana Engel; e SILVEIRA, Denise Tolfo (org.): **Métodos de pesquisa** coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

VELLOSO, Ricardo Viana. O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade eletrônica. **Ci. Inf.**, Brasília, p.103-109, maio 2008. Trimestral. Disponível em: https://pt.slideshare.net/marcus_kucharski/velloso-2008-ciberespacocomoa-goraeletronica. Acesso em: 05 dez. 2017.

APÊNDICES

Questionário

1. Nome:
2. Deseja ser retratado/retratada por meio de pseudônimo, evitando exposição? Se sim, qual?
3. Estado:
4. Idade
 - Abaixo de 20 anos
 - Entre 20 e 25 anos
 - Entre 26 e 30 anos
 - Entre 31 e 35 anos
 - Entre 36 e 40 anos
 - Acima de 40 anos
5. Gênero
 - Feminino
 - Masculino

6. Raça/cor

- Branca
- Parda
- Negra
- Amarela
- Indígena

7. Situação financeira

- Abaixo de um salário mínimo
- De um a 3 salários mínimos
- De três salários mínimos acima.

8. Quantas pessoas moram com você?

- Entre 1 e 2
- Entre 2 e 5
- Acima de 5

9. Em sua visão, o que é o movimento estudantil?

10. Qual o movimento e/ou entidades que você participa?

11. O curso de Pedagogia o/a influenciou na entrada ou permanência do movimento?

12. Quais as suas contribuições de seu histórico de lutas em sua formação pessoal, acadêmica e política?

13. Você acredita que suas ações no movimento e/ou que participa impactou/impacta na formação política-educacional das/dos estudantes de Pedagogia?

14. Suas ações modificaram o curso de Pedagogia de sua localidade de alguma forma? Se sim, como?